



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ASALÉA DE CAMPOS FORNERO MEDINA (LÉA CAMPOS)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-550

Entrevistada: Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos)

Nascimento: 22/10/1945

Local da entrevista: Museu do Futebol, São Paulo, SP

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 19/05/2015.

Transcrição: Laura Andrade

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 46 minutos e 36 segundos.

Páginas Digitadas: 36 páginas.

Observações:

A entrevista foi realizada durante a abertura da exposição *Visibilidade para o Futebol Feminino* que aconteceu no Museu do Futebol em São Paulo. A exposição contou com a parceria do Museu com a Epon, a Getty Images Brasil, a Rádio Central 3, o Coletivo Guerreiras Project e o Centro de Memória e Esporte.

Integra o *Programa Futebol e Mulheres*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO).

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Agradecimentos; Infância e início no futebol; Prática de futebol no período de proibição; Curso de Árbitra na Federação Mineira; Discussões com João Havelange; Encontro com o presidente Emilio Médici; Nomeação com primeira árbitra federada do Brasil; Arbitragem em campeonato feminino no México; Arbitragem na Europa; Dificuldades enfrentadas; Envolvimento com a mediação de luta livre; Trabalho na Rádio Mulher e Rádio Nacional; Participação em programas de televisão; Atuação como censora política; Copa Léa Campos; Acidente de ônibus; Tratamento de lesão na perna; Palavras finais.



São Paulo, 19 de maio de 2015. Entrevista com Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos) no Museu do Futebol a cargo da pesquisadora Silvana Goellner para o Projeto Visibilidade para o Futebol Feminino

S.G. – Então pessoal, boa tarde a todos e a todas¹ aqui presentes. Meu nome é Silvana Goellner, eu sou coordenadora do Centro de Memórias do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tenho o prazer de conduzir uma conversa com Léa Campos, nossa primeira árbitra credenciada pela FIFA² para atuar no futebol. A gente vai fazer esse depoimento que vai ficar no acervo do Museu do Futebol e também no acervo do Centro de Memórias do Esporte³. Então a Léa vai contar um pouco da sua grande trajetória no campo do futebol e a gente vai disponibilizar, ou seja, toda essa história fica registrada em dois espaços de memória, em dois espaços que preservam a história do esporte no Brasil. Eu só queria contar uma historinha: eu trabalho a história da Educação Física há muito tempo e a e quando eu vou falar sobre mulheres e esporte eu utilizo uma fotografia da Léa Campos. Com a possibilidade de organizarmos a exposição aqui no Museu do Futebol, eu sabia que ela morava nos Estados Unidos, eu pensei: “Quem sabe eu ainda consigo encontrar a Léa Campos?” Aí coloquei o desafio no nosso grupo de pesquisa: “Procura-se Léa Campos” até que um dia Eric Seger, que é um dos alunos, chegou assim: “Silvana, achei o email da Léa Campos”. “Essa mulher existe!” Fizemos uma festa lá no Centro de Memória do Esporte. “Léa Campos existe! Léa Campos existe!” E daí a gente contactou Léa Campos que de imediato respondeu... E a partir de então a gente tem se comunicado quase todas as semanas... Então é uma honra muito grande para mim conhecer pessoalmente Léa Campos que eu já conhecia pelas reportagens que a gente consegue acessar. Léa tem uma biografia⁴ publicada em inglês e em espanhol. A gente vai tentar publicar essa biografia em português, ou seja, no seu país... Enfim, um pouco do que ela vai contar agora o que talvez já esteja nessa biografia, histórias que ela vai lembrando. Assim em primeiro lugar: Léa, muito obrigada por atender nosso convite... Se deslocar de

¹ A entrevista foi realizada no Auditório do Museu do Futebol. Fez parte da programação da abertura da exposição Visibilidade para o Futebol Feminino.

² Fédération Internationale de Football Association, ou Federação Internacional de Futebol.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

⁴ *Léa Campos: rules can be broken*, escrita por Luis Eduardo Medina em 2001.



Nova York para cá para fazer essa exposição, para participar da abertura, para contar um pouco da sua vida... Quero dizer que é uma honra para o Brasil receber, aqui no Museu do Futebol, a primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA. Você quer falar alguma coisa antes de eu começar a fazer nossa conversa?

L.C – Bom, primeiro eu quero cumprimentar todos que estão aqui e quero agradecer a minha irmã por ter colocado uma amiga dela em contato comigo, a Ana Cybelle⁵ do Jornal Estado de Minas, e quero agradecer do fundo do meu coração, do fundo da minha alma. Então eu quero agradecer de coração, alma, pensamento e tudo a você, a Daniela⁶, a Mariana⁷, ao Museu por terem me dado a oportunidade de chegar aqui e contar a todos uma parte da minha vida. É a parte mais importante da minha vida. É uma parte em que eu lutei muito, então, para mim tem um valor imenso o que vocês estão fazendo comigo.

S.G. – Então você quer começar falando um pouco da sua infância, do seu contato com o esporte, da sua relação com o futebol e como ela inicia lá em Minas Gerais?

L.C – Bem, meu pai era ferroviário. Minha mãe dona de casa. Meu pai ex-combatente e ferroviário. Eu fui filha única por nove anos então tive que me dividir. Eu era menino para o meu pai e menina para minha mãe. Com meu pai eu ia para pescaria, eu ia jogar bolinha de vidro, soltar pipa e um dia papai fez uma bola de meia, de trapo e começou... Meu pai foi goleiro quando ele estava no Instituto João Pinheiro⁸ de Agronomia ele foi goleiro. Então ele fez aquela bolinha e começou a jogar comigo e me entusiasmou, falei: “Que legal! Vou levar para escola e jogar com os meninos!”. Minha intenção era jogar com as meninas, mas elas me chamaram de macho e disseram que aquilo não era brinquedo de menina e eu falei: “Pois é a incapacidade e a insegurança de vocês...”. Imagina, eu tinha oito anos e falei: “Vocês são muito inseguras porque o esporte não muda o sexo! Eu jogo porque eu gosto de jogar, vocês não jogam porque não sabem jogar! Assim simples! E se os meninos quiserem jogar tem que me deixar jogar porque como a bola é minha se eu não

⁵ Ana Cybelle de Campos Fornero.

⁶ Daniela Alfonsi.

⁷ Mariana Chaves.

⁸ Escola agrária no município de Gameliera em Minas Gerais.



jogo eu levo a bola embora! Não tem jogo para ninguém!”. A bola era minha e eu colocava embaixo do braço e ia embora. Então eu jogava. Jogava por imposição e por aí nasceu minha paixão pelo futebol, mas sempre brigando com os meninos que se eu não jogo não tem futebol porque eu levo a bola. Então a gente jogava no recreio da escola. A diretora implicou que não podia e que eu estava jogando junto com os meninos... Naquela época tinha aquela coisa de menina para lá, menino para cá... E eu nunca tive essa divisão na minha cabeça, para mim somos todos iguais! Então o que acontece, começamos a jogar no lado da Igreja. Era grande, espaçoso então a gente jogava no lado da Igreja. Aí o padre Franciscano igual o nosso papa Chiquinho⁹... Então foi atrás de mim e disse: “Olha, não quero você jogando futebol com os meninos!” E eu falei: “Mas padre, eu não estou fazendo nada de mal! Qual é o problema?!” “Não, isso não é para mulher, isso é para homem!” “Quem falou para o senhor que eu sou mulher? Me deixa jogar meu futebol, poxa vida!”. E papai entrou no meio, foi aquela coisa toda e eu continuei jogando. Continuei jogando! Então quer dizer, a minha paixão foi essa... É que eu nunca aceitei um “não” como resposta. Falar um não para mim é mesma coisa dizer “vai em frente”. Então, por ter recebido tanto “não” desde pequena eu me acostumei com o “não”, com a palavrinha “não”; eu pensei que eu tinha que mudar essa palavrinha “não” para a palavrinha “sim”. E comecei a luta, desde pequenininha, brigando que eu queria jogar futebol. E aí foi até chegar a uma etapa de adolescente. Aí a coisa ficou grossa porque aí eu ia jogar e a polícia ia atrás e me prendia. Eu mandava os meninos correr... “Corre! Vai embora, vai embora!”. E eu ficava. A polícia vinha me prendia... Era Polícia Federal, não era policinha qualquer não porque eu sou importante... Então a Federal me levava lá para o DOPS¹⁰, e eu chegava lá e falava: “Olha, eu não estava fazendo nada de mal. Eu estava apenas jogando futebol, qual é o problema? Não estava matando, não estava roubando, não estava assaltando, não estava usando drogas, não estava fazendo nada! Estava jogando futebol!” “É, mas você sabe que é proibido!”.

S.G. – Léa, isso foi na década de 1950 que você jogava como adolescente ainda? Na década de 1940, 1950...

⁹ Referência ao Papa Francisco.

¹⁰ Departamento de Ordem Política e Social.



L.C – Bom, eu nasci em 1944. Com oito anos.

S.G. – Você já estava jogando futebol...

L.C – É, com oito anos quando eu estava fazendo o grupo escolar que era naquela época... Então eu comecei a jogar quando era pequena tinha oito anos, nove anos, dez anos durante todo o meu período. Depois eu fui estudar em um colégio interno em Montes Claros¹¹ e todo mundo jogava vôlei... Eu comprei uma bola, levei, e minha intenção era fazer com que as meninas do internato jogassem futebol, mas as irmãs não deixavam aí eu ficava jogando a bola na parede. Eu sozinha jogando com a parede no internato em Montes Claros onde eu estudei. Colégio de freira, aí já viu né? Então isso em 1958, 1959 por aí... Aí fui transferida... Meu pai disse que estava muito difícil eu ficar em Montes Claros, ele ter que ir lá e tal... Aí me trouxeram para Belo Horizonte e continuei estudando em internato. Eu era da pá virada, menina! Eu tinha que estudar em interno mesmo... Então fui para Belo Horizonte, voltei para Belo Horizonte onde residia a minha família e fui estudar em Belo Horizonte. Aí eu comecei a jogar vôlei, com a intenção de conseguir bolsa de estudos porque eu estudava em Montes Claros com uma bolsa de estudos que foi dada para mim pelo Juscelino¹². Quando ele saiu do poder eu perdi a bolsa porque ele pagava a bolsa, não era o governo. Então aí eu comecei a jogar vôlei. Pensei: “O futebol não vai me dar manga mesmo, vou jogar vôlei!” Ai comecei a jogar vôlei e a negociar com as escolas. A escola que me dava mais vantagens era para lá que eu iria. Eu mudava de colégio quase de dois em dois meses... O colégio que me dava mais vantagens era para lá que eu ia, quer dizer, um me oferecia pagar os estudos e me dar o material; o outro me oferecia pagar os estudos, o material e a condução para me levar e me buscar.

S.G. – Isso em função da sua trajetória esportiva?

L.C. – Exato.

¹¹ Cidade de Minas Gerais.

¹² Juscelino Kubitschek de Oliveira.



S.G. – Não no futebol, no vôlei?

L.C. – No vôlei, mas não era vôlei que eu queria realmente o que eu queria era futebol. Então na década de 1960 eu comecei a me meter no futebol, mas aí já era 1965, 1966 e nós já estávamos com o regime militar, então, como eu estava... Não é que era o regime militar que proibia que eu jogasse futebol, não. Era a constituição. Eu não ia presa porque era regime militar tampouco, eu ia presa porque eu estava cometendo uma desobediência civil e isso em qualquer parte do mundo é crime. Eu estava desobedecendo a minha constituição, desobediência civil. Por isso eles me prendiam. “Ah, porque era governo militar e você elogia...!” Não! Nem elogio e nem critico porque era governo militar; era porque eu estava cometendo um crime contra a minha Carta Magna em jogar uma coisa que era proibida por lei. Então foi passando o tempo, eu falei... Em 1967 eu disse: “Bom, vou fazer um curso de arbitragem”. Porque aí eu já verifiquei que eu não podia continuar naquela história todo sábado eu ia presa por causa de futebol. Se não era sábado, era no domingo. Sempre no final de semana eu tinha problema de ir presa por causa de futebol. Aí eu comecei a botar na minha cabecinha que eu ia fazer o curso de árbitro. Estava aberto o curso... Fui lá me matriculei. Não disseram que eu não podia fazer o curso por ser mulher. Eu era a única mulher do grupo, não tinha outra.

S.G. – Léa e antes de fazer o curso você já tinha alguma experiência de arbitrar, de brincar, de apitar algum jogo...

L.C. – Eu apitava...

S.G. – De brincadeira com o grupo. Ou você nunca apitou e daí resolveu fazer o curso?

L.C. – Eu apitava futebol de salão dos meninos. Meu irmão jogava futebol de salão, o Francisco¹³ que mora também nos Estados Unidos, então, de vez em quando ele me levava

¹³ Francisco Henrique de Campos Fornero.



para apitar. Depois a minha irmã Cybelle me levava para apitar o jogo dos meninos da escola onde ela estudava no jardim de infância. Aí ela me levava, pediu para eu ir apitar o futebol de salão dos meninos da escola e eu ia e apitava, mas sempre futebol de salão. Depois quando eu comecei a fazer o curso na Federação Mineira de Futebol, começaram a surgir convites da Associação do Banco do Brasil, Associação da Caixa Econômica, Associação da Aeronáutica, do Exército... Foi aí que eu me engajei e fiz amizade com o pessoal do Exército. Todo o torneio que tinha dentro do Exército era eu que apitava como na Aeronáutica também. Eles faziam os torneios lá todo ano e eu ia e apitava os jogos deles e também da Caixa Econômica era a mesma coisa. Às vezes eu apitava na Caixa Econômica e na Associação do Banco do Brasil, apitava quatro, cinco jogos em um dia...

S.G. – Deixa eu te perguntar: fora da arbitragem, antes do curso, antes de chegarmos a 1967 quando você faz o curso, você foi rainha do carnaval...

L.C. – Em 1966.

S.G. – Em Belo Horizonte...

L.C. – Fui rainha do carnaval. Fui a primeira rainha a dançar em uma escola de samba e fui apresentada para uma escola de samba, Cidade Jardim, por quem eu desfilei algumas vezes. E também fui *miss* Objetiva no Rio de Janeiro. Ganhei o título de *miss* fotogenia. E rainha do Exército, rainha do Cruzeiro¹⁴, rainha do futebol amador, rainha dos ex-combatentes... É uma fila de rainha...

S.G. – De reinados.

L.C. – É! Um fila enorme! Eu tenho *muitos* palácios! Sabe? Mas o que eu queria mesmo era ser rainha da arbitragem e lutei.

¹⁴ Cruzeiro Esporte Clube.

S.G. – Então, você chega no curso de árbitros, e qual foi a resistência que você encontrou lá?

L.C. – Lá eu não encontrei resistência, muito pelo contrário. Todos os meus colegas me apoiaram. O nosso professor que era um capitão da polícia, capitão João Félix Júnior, ele me deu a maior força, o maior apoio: “Segue em frente, vamos te ajudar...!”. Os árbitros que estavam fazendo o curso também falaram: “Vamos te ajudar, é uma honra ter você aqui...”. Depois quando foi na época de receber o diploma meu nome não estava na lista porque a CBF¹⁵ não permitiu.

S.G. – Quanto tempo durou o curso, Léa?

L.C. – Oito meses o curso teórico e também o curso físico que a gente tinha que fazer Educação Física duas vezes na semana. Então a gente... Eu, além de fazer Educação Física com os árbitros, eu ia para o Exército todo dia às cinco horas da manhã para fazer Educação Física porque eu queira ser melhor que eles. Não! Não é bem assim... Eu não queria ser melhor que eles! Eu queria ter uma condição física que não deixasse margem à dúvida da minha capacidade.

S.G. – Então você se preparou fisicamente para ser árbitra. E daí quando você vê a listagem com o nome dos que terminaram e concluíram o curso e seu nome não estava lá, o que você fez?

L.C. – Só para você ter uma ideia, o próprio diretor do departamento não compareceu à formatura para entregar os diplomas. “Não, se a Léa não vai, meu grupo não está completo então eu não vou entregar o diploma. Que mande outra pessoa!” Ele não esteve presente na entrega dos diplomas. Ele disse que foi a única forma que ele achou de me apoiar. “Ela é a número um do curso, foi a melhor aluna, passou em todos os testes com distinção, super aplicada, fazendo física todos os dias lá no Exército – porque eu tenho conhecimento que

¹⁵ Confederação Brasileira de Futebol.

ela está fazendo isso lá – e no fim das contas não pode receber o diploma porque é mulher? Então, não deveria ter aceitado a inscrição dela! Seria mais decente!” Eu entrei na justiça, fiz um monte de coisa, mas não deu resultado porque era lei... Não podia.

S.G. – Agora eu queria que você falasse um pouquinho desse período entre ter concluído o curso e 1971 quando você faz início na arbitragem. Na época era o Conselho Nacional de Desporto ainda que regia o esporte nacional?

L.C. – É.

S.G. – Então como você fez? Quais foram as ações? Eu sei que você fez várias ações. Então, gostaria que você contasse um pouquinho delas para mostrar essa tua absoluta dedicação e essa persistência. Tua luta em não desistir daquilo que você conquistou.

L.C. – Um direito que eu adquiri. Um direito adquirido, o famoso. O problema meu foi mais com o senhor João Havelange¹⁶, Jean-Marie Havelange, o meu problema todo foi com ele porque ele realmente não queria, de forma nenhuma, me aceitar como árbitra, de forma nenhuma. O presidente da Federação Mineira entrou no meio, o diretor de departamento de árbitro... Ele disse: “Não, não quero porque a constituição proíbe!” Eu fui lá, busquei a constituição e provei que não tinha nada a ver....

S.G. – Que não tinha nenhum aparato legal para a proibição.

L.C. – Não tinha. Aí fiz ele ver que aquilo estava equivocado. Isso foi durante quatro anos a minha briga com ele. Então ele dizia que a constituição óssea da mulher é inferior à do homem. Aí eu tive que ir na medicina legal, fazer o exame... O médico não quis fazer o exame. Ele disse: “Eu não vou fazer o exame porque eu sou médico e eu sei que tantos ossos tem você, tenho eu. Então eu não vou fazer nada disso, eu vou dar para você o atestado que a sua constituição óssea é normal igual à do homem”. Então deu essa carta e

¹⁶ Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange.



eu levei para o João Havelange. Aí ele me fez uma pergunta bem estúpida, porque na minha opinião é estúpida, me perguntou: “E quando você estiver naqueles seus dias, como que você vai apitar futebol?”. Aí eu falei: “Pois é, o senhor é campeão de natação. O senhor deve ter várias colegas que nadam. Alguma delas deixa de nadar por isso? E elas entram dentro d’água! Não vou entrar dentro d’água, eu vou correr no campo. Não tem nada, é uma vida normal! É mesma coisa que estar caminhando, limpando minha casa, passando um pano no chão, limpando a janela... Não tem nada a ver!”. Aí ele disse assim: “É, mas é que fica muito difícil... Ó, se quer saber de uma coisa? Para que você entenda, enquanto eu for Presidente da CBD, da Confederação Brasileira de Desporto, nenhuma mulher apita e nem joga futebol porque eu não quero.” Aí eu falei: “Pois é, se o senhor tivesse me dito isso a mim quando eu comecei a vir aqui há quatro anos eu já estava me aposentando. Eu já tinha apitado, apitado. Já tinha cansado, já tinha largado. Acima do senhor tem que ter alguém e eu vou atrás desse alguém! O senhor não é o dono do meu país. O senhor manda no futebol, mas no senhor tem alguém que manda também. O senhor não é absoluto!” Esaí de lá, mas eu saí – eu costumo dizer que eu saí igual uma arara porque arara é o animal mais brabo que tem, é a ave mais braba que tem – desiludida, cansada, decepcionada... Falei: “Bom, e agora? É o homem que não quer! Agora sim, dona Léa, o que você vai fazer?” Aí comecei a conversar com minha consciência: “Já sei! Eu vou procurar o presidente Médici¹⁷, ele vai em Belo Horizonte para poder governar o país de lá um dia, então, vou procurar saber que dia que é e vou ver como eu faço para falar com ele.” Eu estava com o convite já do México¹⁸ para eu ir representando o Brasil já que o Brasil não tinha futebol feminino para eu ir representando o Brasil como árbitra...

S.G. – Isso em 1971 exatamente?

L.C. – Isso em 1971, um ano depois do tri. Aí cheguei em Belo Horizonte está aquele alvoroço que o Médici iria estar lá no dia... Na sexta-feira. Aí eu falei: “Bom, eu sou rainha do Exército então vamos ver como é que é. Eu, como rainha, tenho que mandar neles lá e eles tem que me obedecer.”. Aí eu fui lá no Exército e falei com o comandante:

¹⁷ Referência a Emílio Garrastazu Médici.

¹⁸ Referência a um Mundialito de Futebol Feminino realizado no México em 1971.



“Comandante, eu preciso de um favorzinho desse tamanhinho assim ó!” Aí ele perguntou: “Qual favorzinho que você quer?” E eu falei: “Eu quero uma audiência com o presidente Médici.” “Léa, o homem chega amanhã. Você vem hoje, hoje é quinta-feira, o homem chega amanhã. Puxa vida, vai ser muito difícil!”. Eu falei: “Difícil é Deus pecar! O resto é tudo normal! Você vai conseguir isso para mim? Afinal de contas, eu sou rainha. Estou dando uma ordem, eu preciso falar com o Presidente da República!” Aí ele falou: “Vamos ver o que eu posso fazer...” “Olha, trinta segundo para mim é o suficiente. Não preciso mais do que trinta segundos.” Ele disse que ia ver o que fazia e foi lá então e mexeu os palitos dele. Conversou lá com a segurança, com o *staff* do Presidente e conseguiu que ele me recebesse. Eu pedi trinta segundos e ele me deu cinco minutos. No dia da entrevista eu chego lá e está todo mundo, os repórteres aquela coisa toda. Os repórteres todos curiosos para saber o que eu queria. Eu disse que não era nada, que eu era repórter também e que eu ia entrevistar o homem se me dessem chance. Perguntaram: “Você está inscrita para entrevistar ele?” E eu falei: “Eu não estou inscrita, mas eu vou de penetra. Fazer o quê?” Aí quando chegou a minha vez, eu entrei lá na sala para falar com ele e ele falou: “Você é a Léa Campos?” E eu falei: “Sou eu.” E ele: “Você me pediu trinta segundos eu vou te dar cinco minutos. Em que eu posso te servir?” Aí eu disparei uma metralhadora em cima dele: “Eu preciso que o senhor faça o favor de me fazer uma carta para o presidente da Confederação Brasileira de Desporto. Eu recebi uma carta do México me convidando para representar o Brasil, porque no Brasil não tem futebol feminino e vai ser realizado lá futebol feminino esse ano. Tem a Copa Mundial lá e eu fui convidada para representar o Brasil e o senhor vai conseguir para mim que o senhor João Havelange libere o meu diploma porque se eu apitar lá e ganhar algum dinheiro eu não posso trazer porque é invasão de divisa, não sei o que lá e eu não quero estar infringindo as leis do meu país. O senhor pode me ajudar?”. E ele falou: “É, trinta segundos!” Aí eu falei: “Eu treinei para falar esse trinta segundos!” [risos]. Mas eu não tinha treinado nada, aquilo foi invento meu na hora. Eu disparei a metralhadora porque eu pedi trinta segundos. Aí ele pegou e falou: “Hoje é sexta-feira e tem muita gente me esperando, eu não vou poder resolver seu problema agora mesmo... Segunda-feira você almoça comigo na Granja do Torto¹⁹!” Aí eu

¹⁹ Situada em Brasília, é uma das residências oficiais da Presidência da República.



falei: “Puxa vida, meu Deus do Céu!”. Cheguei em casa mais nervosa do que eu estava... Cheguei lá em casa e falei com papai, eu chorando nervosa, que perguntou por que eu estava assim. Meu pai é ex-combatente eu já disse aí ele perguntou: “Por que você está assim?” E eu falei: “Eu estou com medo, pai. Eu acho que não vou não...” “Por que você está com medo?” “Ô pai, o homem é militar, pai! Todo mundo diz que ele é bravo...” “Ô Léa, se ele tivesse que fazer alguma coisa com você ele já tinha feito. Não ia te mandar para Brasília para fazer nada com você!” “Será pai?” “Será não. É sim, você vai para Brasília. Cabeça erguida, come lá o que o homem te der para comer. Não beba nada porque a comida ele vai estar comendo da mesma comida que você está comendo, mas não beba nada! E resolve isso. Ou que sim ou que não, já fica resolvido!”. Aí com esse espírito do meu pai eu fui para Brasília.

S.G. – Como você foi, Léa?

L.C. – Olha, eu fui de avião, mas me arrependi. Devia ter ido a pé que era para demorar o máximo que pudesse para eu chegar lá, sabe? Fui de avião para Brasília. E cheguei em Brasília e fui direto para a Granja do Torto e realmente não tem nada de torto lá. Eles dizem Granja do Torto, mas não tem torto nenhum. Só se tortos são os presidentes que estiveram lá depois do Médici, mas ele não era torto não. Aí cheguei lá, supostamente para almoçar porque o passarinho comeu mais do que eu, porque eu não conseguia comer de jeito nenhum de tão nervosa que eu estava. Aquilo pegava no garfo minha mão estava assim, tremendo. Aí estávamos terminando de comer, supostamente de comer, e ele pegou e falou com o ajudante dele: “Me traz lá uma folha de papel e uma caneta.” Aí levou lá o bloco para ele com uma caneta e ele escreveu uma carta de próprio punho para o senhor doutor Havelange, Jean-Marie Havelange. Aí mandou uma cartinha solicitando que ele me desse o diploma...

S.G. – Você lembra o texto... Ontem você me recitou o texto da carta. Você lembra do texto?



L.C. – “Solicito ao senhor presidente da CBD outorgar à senhorita Léa Campos o diploma de árbitro a que ela faz jus. Atenciosamente, Emílio Garrastazu Médici.” Foi isso. E eu fui... Aí outro detalhe. Ele falou assim: “O Havelange... Daqui dois dias é a despedida do Pelé²⁰. E depois o Havelange viaja. Você tem que ir para o Rio hoje. Eu vou mandar você no avião nosso aqui da Base Aérea e lá vai ter um motorista para te levar direto para CBD. Aí assim foi... Eu fui no avião da FAB²¹, da Base Aérea, para o Rio de Janeiro lá tinha um carro me esperando e me levou para a CBD. Eu cheguei lá e procurei o jornalista mineiro que sempre me ajudava lá que era o Canôr Simões Coelho. Aí o Canôr falou assim: “Nossa, mas hoje está um dia difícil, Léa, para falar com esse homem porque olha aí como ela está!”. Estava a imprensa do mundo inteiro lá na CBD para a despedida do Pelé, então, imagina como estava ali... Aí ele entrou lá na sala e eu falei: “Olha aqui, eu tenho uma carta do Médici para ele.” Aí a coisa mudou de cor. Ele disse assim: “Me dá a carta! E deixa eu ir lá.” Aí chegou lá e falou para o Havelange: “A Léa Campos está aí fora, quer falar contigo.” *“Mas aquela mulher eu já falei com ela que enquanto eu for presidente da CBD mulher não apita nem joga! Qual é a parte que ela não entendeu?”* Ele falou: “Ah, se eu fosse o senhor eu atendia porque ela trouxe uma carta do Presidente Médici para o senhor...” “Ah, não é possível!” “Trouxe. Está aqui a carta do Presidente Médici.” Aí entregou para ele a carta e eu nunca mais vi a carta, infelizmente. Estupidamente não tirei uma cópia! Aí ele virou e falou assim com o Canôr Simões Coelho: “Convoca aí a imprensa que eu vou dar uma coletiva.” Convocou todo mundo lá na sala, lá no auditório aí ele disse...

S.G. – Antes disso... Como é que você entrou na sala dele com a carta? Conta aí!

L.C. – Ai ele pegou falou assim: “Fala com ela para ela vir aqui!”. Aí eu cheguei na sala... Nem me mandar sentar ele mandou, sabe? Os franceses às vezes têm esses detalhes, não é? E como ele é francês não me admirei! Então ele falou assim: “Então, eu vou ver o que eu posso fazer...”. Aí eu falei: “Não, o senhor não vai ver o que o senhor pode fazer! O senhor vai fazer porque é uma ordem superior ao senhor. Até aqui chegou o seu “mandatismo”

²⁰ Edson Arantes do Nascimento. Referência da despedida da seleção.

²¹ Força Aérea Brasileira.



sabe? A partir daqui já é um militar que está te dando uma ordem e o senhor vai obedecer. Ou não? Porque eu vim no avião da FAB de Brasília... E ele está me esperando lá no aeroporto para eu voltar para Belo Horizonte. Como é que fica?”. Porque aí eu já estava assim “empavoadá” eu já tinha virado um monstro... Com a carta do presidente eu virei um monstro, um “Hulk²²”. Aí eu pensei: “Agora sim! Agora que o homem não vai me dar nada mesmo. Eu falo demais!” Percebe-se, não é? Nem preciso te falar! Aí ele mandou o Cânor reunir a imprensa, nós fomos lá para o auditório... Falo com a voz dele ou com a minha?

S.G. – Como você quiser!

L.C. – Como eu quiser? Ok. Então ele disse assim²³: “É como muita honra e orgulho que eu levo a conhecimento de toda imprensa mundial que é na minha gestão que sai para o mundo futebolístico a primeira mulher árbitra de futebol, na minha gestão. É muito orgulho para mim!”. Eu pensava: “Mas que homem falso, viu? Nota de três cruzeiros perde para ele! Que o homem é falso! Puxa vida!”. Aí foi aquela correria da imprensa para fazer entrevista. Para mim foi bom. Ele tentou e me prejudicou por quatros anos e eis que quem saiu ganhando foi eu, porque aí eu comecei a dividir espaço com a nada mais nada menos que o nosso rei Pelé que era a estrela do momento, já que era ele que estava se despedindo da seleção brasileira. Ia jogar com a seleção acho que da Checoslováquia, se não me engano... Para fazer a despedida aquela coisa toda. Aí eu passei a dividir as manchetes com o Pelé... Para mim foi bom demais porque, puxa vida, Pelé é Pelé!

S.G. – Então foi o Rei Pelé e a Rainha Léa?

L.C. – Rei Pelé e a Rainha Léa: a Rainha do Exército e o rei do futebol!

S.G. – Tem uma história que eu li em algum lugar que o Médici tinha um filho que conhecia muito tua história e por isso que ele já tinha um certo conhecimento de quem era Léa Campos. Como era isso?

²² Personagem da ficção que se tranforma em um ser grande, forte e verde.

²³ Léa Campos imita o tom de voz de João Havelange.

L.C. – É, ele falou comigo quando me fez o convite para ir para Brasília. Eele disse assim para mim: “Lá em Brasília eu vou te mostrar... Eu tenho uma surpresa para você!”. Aí foi essa frase dele foi o que me “encucou” o resto da semana. “Que surpresa que será, eu pensei, meu Deus do Céu, o que é que vai acontecer?”. Aí meu pai me deu aquela força e eu esqueci desse detalhe e fui embora. Quando eu já estava saindo da Granja reta do Torto eu virei para ele e disse: “Senhor Presidente, e a surpresa?”. Eu já estava quase lá no portão qualquer coisa eu saía correndo. Aí eu perguntei da surpresa e ele respondeu: “Ah, é verdade eu já havia me esquecido.”. Aí ele me levou lá no quarto do filho dele e ele tinha mais coisa minha do que eu. Tinha foto, reportagem, inclusive uma revista francesa que saiu uma reportagem sobre mim que eu tenho no meu álbum foi ele que me deu, porque ele tinha duas. Quer dizer, a surpresa minha foi muito grande porque, puxa vida, o filho do Presidente interessado nessa plebeia... Não plebeia não, era rainha do Exército, que coisa!

S.G. – Léa, o período que transcorrei entre essa entrevista coletiva na CDB e sua ida para o México foi um período muito curto, não foi?

L.C. – Foi muito curto porque no dia seguinte foi a despedida... Eu fui convidada para comentar o jogo lá por uma emissora de televisão, o jogo foi a noite. No dia seguinte de manhã fui para Belo Horizonte e dois dias depois eu estava no México. Aí me receberam lá, me levaram para o hotel... Mas não fiquei presa no quarto não [risos]. Aí me levaram lá para o hotel e fiquei junto com a delegação da Itália, no mesmo hotel da delegação da Itália e fiz amizade com todos eles... Os jornalistas todos acompanhados de suas respectivas esposas não sobrou nenhum jornalista para mim ficou tudo com suas respectivas donas. Eu falei: “Puxa vida, só eu solteira que coisa feia! Mas não importa!”. Aí todo lugar que eles iam me levavam... Ia passear, fazer turismo eu ia junto. Aí me escalaram para apitar o jogo, eu fui apitar e aí me senti mal...

S.G. – Você lembra que jogo você apitou?

L.C. – Foi Inglaterra e França, se não me engano. França ou Espanha, se não me engano.



S.G. – Ok.

L.C. – Inglaterra eu tenho certeza.

S.G. – E daí você se sentiu mal por causa da altitude.

L.C. – Eu senti mal pela altitude e no hotel que eu estava hospedada que é o Fiesta Palace, na avenida Paseo de la Reforma, estava hospedado o Miguel Aceves Mejía, que é um cantor mexicano. Então, eu gosto demais de música mexicana. E aí eu fui lá na boate onde ele estava cantando, um dia antes de eu passar mal. Fui lá na boate para conhecê-lo porque eu era fã dele... Aí eu fui, sentei assim numa cadeira que estava bem próxima do palco e ele começou a cantar e eu comecei a cantarolar junto com ele as músicas que ele estava cantando. Eu sabia todas as músicas dele de cor, então, ele me pegou e me puxou e me botou no palco e eu fui e cantei com ele.

S.G. – Você cantava também?

L.C. – Cantei na TV Rio em São Paulo... No Rio de Janeiro muito tempo!

S.G. – Menina, que surpresa isso! Não sabia que você cantava!

L.C. – Cantei em Portugal...

S.G. – Você cantava o quê? Música mexicana? Música brasileira? Música inglesa?

L.C. – Cantei com a Amália Rodrigues²⁴...

S.G. – Você cantou com Amália Rodrigues?

²⁴ Amália da Piedade Rodrigues.



L.C. – Cantei com Amália Rodrigues no Cassino Lisboa.

S.G. – Mas como você chegou lá, mulher? Me conta isso!

L.C. – O governador civil de Viana de Castelo²⁵ me convidou... Eu estava em Lisboa. Eu era hóspede do Eusébio²⁶...

S.G. – Você estava lá para arbitrar?

L.C. – Eu estava lá para arbitrar

S.G. – Eusébio? O ícone do futebol português? Você estava na casa dele?

L.C. – Estava hospedada na casa dele e ele me levou no Cassino Estoril. Aí Amália Rodrigues tinha feito uma novela no Brasil. Na época eu trabalhava na televisão que ela fez a novela que era “Eu compro essa mulher”. E ela participou da novela e eu a conheci aí. Então, todas as vezes que ela entrava, que eles falavam que a Amália estava chegando, eu começava cantar música portuguesa. E ela assim: “Pô, você canta música portuguesa?” E eu disse: “É o que eu gosto. Vocês são nossa mãe então eu gosto da música portuguesa”. Aí ela disse assim: “Você canta bonito...” Aí nesse jantar que o governador de Viana me ofereceu no Cassino Estoril em Lisboa ela foi convidada para fazer o show porque eu disse que eu gostava dela. Aí foi convidada... Foi uma surpresa, eu não sabia que era ela que ia fazer o show. Aí quando ela entrou no palco ela disse: “Vem, vêm cantar comigo! Você ficava cantando lá no corredor da televisão, agora vem cantar comigo!” Aí eu subi no palco e cantei com ela “Lisboa Antiga”.

S.G. – Você me surpreende! Eu já nem sei mais o que perguntar [risos]. Então eu vou tentar voltar ao futebol: estávamos lá no México que você estava cantando. Apitou a

²⁵ Cidade de Portugal.

²⁶ Eusébio da Silva Ferreira.

primeira partida no campeonato e se sentiu mal. O que aconteceu? A altitude fez o quê contigo?

L.C. – Aí me senti mal... O Miguel soube que eu estava com problema de altitude e me ofereceu a casa dele em Acapulco. E eu fui e fiquei em Acapulco, uma semana, na casa de praia do Miguel Aceves Mejía. Aí eu acabei de aprender todas as músicas dele porque, imagine, ganhei um monte de discos dele, aqueles discos pequenininhos desse tamanho que existia antigamente... Aí eu ganhei um montão de discos dele e guardo aquilo como uma relíquia! Entendeu?

S.G. – Léa, olha só: você me disse que essa foi a única partida de futebol de mulheres que você apitou...

L.C. – Foi a única.

S.G. – Então, me conta agora como foi arbitrar homens jogando futebol. Onde você foi apitar? Conta um pouco da sua trajetória no mundo do futebol dos homens.

L.C. – É, eu fui levada para Portugal pelo senhor Joaquim Meirim, empresário e técnico de futebol em Portugal. Então aí eu arbitrei jogos do Gil Vicente e Boa Vista, na cidade do Porto. Foram dezesseis partidas que eu apitei em Portugal. Daí ele me levou para apitar na Espanha, me levou para apitar na Inglaterra, me levou para apitar na Itália e na França. Nesses quatro países que eu fui quando estive em Portugal. E depois em vim embora para o Brasil e comecei a viajar. Aí estourei no Norte, igual aquele cantor da música “Eu não sou cachorro não...” Como é que é o nome dele, gente?

S.G. – Waldick Soriano²⁷.

²⁷ Eurípedes Waldick Soriano.



L.C. – Waldick Soriano. Isso! Então comecei a apitar futebol aqui no Brasil. Aí eu fui para o Norte, fui para o Nordeste, apitei na Bahia, apitei em Recife, apitei em Teresina, Piauí. Apitei em Fortaleza, apitei em Aracaju, Sergipe. Apitei... Eu estourei no Norte, né? Ali Norte, Nordeste aquela “coisarada” toda lá eu apitei. Sabe? No Ceará fizeram para mim uma rede... Que aliás é identidade cearense, a rede. Então eles fizeram uma rede e com o fio eles escreveram Léa Campos. Aí depois um dia me convidaram para apitar um futebol de praia e aí eu fui apitar um futebol de praia.

S.G. – Então você deve ter sido a primeira mulher a apitar futebol de praia...

L.C. – Mais um pioneirismo. E esse pioneirismo eu devo a doutor Vico²⁸, que foi ele que me levou para apitar esse jogo.

S.G. – Então foi lá na praia de Atlântida no Rio Grande do Sul...

L.C. – No Rio Grande do Sul!

S.G. – Como que foi essa experiência arbitrar na praia, um Grenal que é sempre muito aguerrido...

L.C. – Foi uma experiência inesquecível. Primeiro que eu entrei... Comecei a caminhar na areia de sandália e não deu para eu correr na areia de sandália porque ficava difícil. Aí eu tirei a sandália e me arrependi porque deu cada bolha de sangue assim no meu pé! Depois o médico passou o maior aperto para poder cuidar dos meus pezinhos. Pezinhos nada, quarenta e tanto! Aí apitei o jogo e deu ciúme no Grêmio²⁹... O Internacional³⁰ não queria permitir... Porque o Vico era um dos diretores lá do Inter e fazia parte do conselho aquela coisa toda, então, como o jogo era uma promoção dele, eles do Internacional não queriam que eu fosse lá no Grêmio. Ai eu falei: “Não, eu não posso fazer isso. Eu apitei um Grenal,

²⁸ Antônio Olavo dos Santos.

²⁹ Grêmio Foot-ball Clube.

³⁰ Sport Club Internacional.



eu apitei os dois times. Eu tenho que atender o convite do Grêmio!”. Aí eu fui lá no Grêmio, eles me tiraram uma foto e puseram minha foto lá na parede. Não sei se ainda está lá, de repente até está, de repente jogaram fora... Bom, não importa! Mas eu tenho a foto da minha foto na parede. Então tirei foto com os diretores do Grêmio no gramado do estádio do Grêmio e fiz grandes amizades no Rio Grande do Sul... Eu tenho uma identidade muito forte, não por você apenas, mas eu tenho uma identidade muito forte com os gaúchos. Eu costumo dizer que em outras vidas eu fui gaúcha, porque não tem outra explicação esse carinho eu tenho pelos gaúchos e que os gaúchos têm por mim. Eu estou aqui hoje por você³¹! Fui a primeira a apitar futebol de praia por um gaúcho, então, eu só tenho que agradecer a existência da sua gente, do povo gaúcho.

S.G. – Obrigada, Léa. Então, vamos voltar de novo porque eu esqueci de te perguntar: como que era a reação dos jogadores sendo você a árbitra? Porque a gente vê hoje muita dificuldade, as árbitras ouvem muitas coisas que não poderiam jamais ser pronunciadas. Como que eram os jogadores contigo?

L.C. – Serve para quem é ou quer ser árbitra. Comigo, graças a Deus nunca houve desrespeito porque a minha profissão era apitar futebol. Eu estava ali com uma única coisa na cabeça: levar aquela partida, os noventa minutos, entrar com vinte e dois e sair com os vinte e dois de campo. Certo? Essa era a minha intenção. O árbitro dentro de campo era uma autoridade, o auxiliar era um ajudante do árbitro e era também uma autoridade. Porque essa menina aqui ela quer ser árbitra, ela está lutando para ser árbitra. Ela me disse que eram vinte oito, hoje são só seis. Então quer dizer, isso é justo? Tinha que ter cinquenta. De vinte oito tinha que subir para cinquenta e não baixar. Então quer dizer, na minha época eu lutei sozinha contra o mundo. Hoje são muitas lutando contra poucos, então, a chance de vitória hoje é muito maior que na minha época, porque uma coisa é você lutar sozinha sem o apoio de ninguém porque nem das mulheres eu tinha apoio. Nem as mulheres me apoiavam. O apoio que eu tive foi dos homens. Somente dos homens. As mulheres não me apoiavam. Diziam que eu estava em busca de um jogador rico para me

³¹ Se referindo a entrevistadora Silvana Goellner.



casar e que eu deveria procurar um tanque para lavar roupa. Eu dizia: “Não, eu lavo roupa e depois que eu terminar vou apitar o jogo”. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu não vou lavar roupa todo dia, sete dias na semana, tão pouco vou apitar jogo de segunda a segunda.

S.G. – Léa, quem que veio depois de você? Teve Léa Campos na arbitragem e logo depois como que foi esse processo até chegar os anos 1980? Você lembra depois desse seu protagonismo quais foram as primeiras árbitras que surgiram?

L.C. – Teve uma árbitra no Rio de Janeiro que é esposa de um juiz também, mas não me lembro do nome dela. E na Bahia também surgiram outras árbitras, no Mato Grosso surgiram árbitras também, foram aparecendo de pouquinho em pouquinho. Eu mandei carta para todas as federações de futebol para que fizessem uma abertura para as meninas que quisessem apitar ou bandeirar futebol porque na minha época não tinha esse negócio de: “Eu quero ser bandeirinha. Ah, não, eu quero ser árbitro.” Não existia isso. Você fazia um curso que te dava condições de ser árbitro. Eram três árbitros que iam ser sorteados, quem ia ser o árbitro principal e os outros dois seriam o auxiliar número um e auxiliar número dois. O eventual substituto do árbitro era o bandeirinha número um. Não tinha quatro árbitros como tem hoje, eram três apenas. O árbitro central e os dois auxiliares. Se o árbitro passava mal, um dos auxiliares, que era o número um, entrava para terminar o jogo porque o árbitro ficou sem condições. E aí conseguia outro... Normalmente sempre tinha mais árbitros assistindo o jogo... Pegava um outro árbitro para colocar como auxiliar. Aí o número dois passava ser número um e aí punha o outro árbitro para apitar, mas nós éramos um trio de árbitros. Não era quarteto igual é hoje, era um trio de árbitros. Então, foram surgindo várias meninas em vários estados, mas não tiveram aquela gana que eu tive, sabe? Aquela vontade... No primeiro “não” já desistiram. “Não, mulher...” não sei o que e aí já desistiam, sabe? Hoje não. A Silvia Regina³², por exemplo, é uma mulher que lutou barbaramente. Quer dizer, é um exemplo para qualquer árbitra que quer iniciar, para qualquer menina que quer fazer o curso, a Silvia Regina é um exemplo porque ela chegou

³² Sílvia Regina de Oliveira.



no máximo. Ela não tem mais onde subir. Ela instrutora da FIFA, não tem mais. Acabou. Ela subiu todos os degraus e eu me sinto muito orgulhosa da Silvia Regina por isso, porque ela realmente segurou a minha bandeira com fé e fervor, entendeu? É a Léa Campos paulista, a Silvia Regina.

S.G. – Léa, eu lembrei que você falou ontem, e eu também já tinha lido, você também foi dar seus “pitacos” na arbitragem do boxe e de luta livre. Conta como é Léa Campos nessa faceta das lutas.

L.C. – Bom, eu trabalhava na Rádio Mulher e fui convidada... A Rádio Itatiaia na época promovia o campeonato mundial de luta livre, então, a Rádio Itatiaia me convidou se eu podia mediar uma luta. Ai eu falei: “Mas eu não entendo nada de luta, como é que eu vou fazer isso?” Ai eles disseram: “Não, você vai fazer o curso aqui na Federação Mineira de Pugilismo.” Ai eu fui para Belo Horizonte, pedi licença na Rádio Mulher, fui para Belo Horizonte fiz um curso de um mês. Entendi aquilo, engoli tudo que era sobre luta livre e boxe e ai me deram a credencial da Federação Mineira de Pugilismo. E ai eu subi no ringue para mediar uma luta entre um brasileiro e um argentino que estavam disputando o título mundial de *Catch* – luta livre. E ai eu estive no Paraná e descobriram que eu era árbitro... Que eu era mediadora de luta e me convidaram para mediar umas lutas lá... Um cara que tinha me visto mediando essa luta em Belo Horizonte falou: “Ah, a Léa Campos está aí... Vi uma entrevista dela na televisão. Vamos convidá-la para mediar umas lutas nossas aqui para dar mais público.” E a assim foi... Andei mediando algumas lutas também no Paraná. Depois eu falei: “Não, o meu negócio é futebol. Eu não tenho que estar me desviando do caminho.”. Ai voltei para a minha cabeça futebolística.

S.G. – Nesse período você falou que já estava atuando com a Rádio Mulher. Você poderia falar sobre esse protagonismo também pois era uma rádio com uma equipe só de mulheres falando só sobre futebol...



L.C. – É, o seu Montoro³³ criou, era o proprietário... Era, porque agora eu acho que ele já é falecido... O proprietário da Rádio Mulher. A Rádio Mulher era ali na Granja Julieta em Santo Amaro³⁴, então, lá o único homem era o seu Montoro que era o dono da rádio, o resto tudo era mulher. A motorista era mulher, a técnica de som e coisa era mulher, a narradora era a Zuleide Ranieri, a Jurema Yara era comentarista de jogo, a Germana³⁵ e a Claudete³⁶ faziam a reportagem de campo e eu comentava a arbitragem. Muitas vezes eu tinha que dar a minha opinião em um determinado lance para outras emissoras, Jovem Pan não sei o quê... “Léa, vem cá! Foi pênalti ou não foi pênalti? O cara estava impedido ou não estava impedido?” Então, quer dizer, muitas vezes eu tive que comentar até para outras rádios até que um dia o seu Montoro disse assim: “Você vai trabalhar para Jovem Pan ou vai continuar na Rádio Mulher?” Aí eu falei: “Não, vou continuar na rádio Mulher.” Aí eu parei com esse negócio... Pedi a eles... Falei: “Não, não me chama mais porque eu trabalho na Rádio Mulher... Eles me pagam um salário para fazer isso, então, por favor... Não é que eu queira ser antipática, mas não me chame mais para tirar dúvida, por favor? Escutem meu comentário, joga ele no ar, mas como Rádio Mulher.” Aí eles passaram fazer isso, quando eles tinham dúvida eu tirava a dúvida na Rádio Mulher e eles jogavam no ar o que eu estava falando, mas eu não estava falando para a Jovem Pan, eu estava falando na Rádio Mulher. Era legal porque de qualquer maneira era o respeito que eles tinham pelo o que eu sabia, pelo meu entendimento... Então, a Rádio Mulher até a motorista da Kombi era uma mulher. Tudo era mulher. Só o dono que era homem. A cozinheira era mulher, a menina que fazia limpeza era mulher, a “discotecária” era mulher... Todo mundo... A Rádio era Rádio Mulher somente de mulher. Então, foi uma etapa muito legal que eu tive foi na Rádio Mulher. Todas pioneiras porque não existia mulher comentando, não existia mulher fazendo reportagem de campo, não existia mulher comentando futebol nem arbitragem... Então quer dizer, foi uma rádio, uma equipe pioneira.

S.G. – Você lembra quando foi isso? Em que período foi isso, Léa?

³³ Roberto Montoro.

³⁴ Cidade de São Paulo.

³⁵ Germana Garilli.

³⁶ Claudete Troiano.



L.C. – Eu trabalhei...

S.G. – Se foi em 1972 ou 1973?

L.C. – 1972. Que eu trabalhei na Rádio Mulher. Ai a Rádio Nacional veio e me roubou. Porque me ofereceram um salário que a Rádio Mulher não teve condição e seu Montoro falou: “Você tem que aproveitar sua época. Vai embora com Deus. Não vai me magoar você ir para a Rádio Nacional, pelo contrário é motivo de orgulho para nós.” Mas eu saí da Rádio Mulher com o coração assim, pequenininho, porque eu gostava do grupo, viu? Era um grupo... A dor de uma era a dor de todas, o sofrimento de uma... A alegria de uma era a de todas. Se ia dar uma entrevista em um programa de televisão iam todas. Então, quer dizer, eu sofri muito quando eu deixei a Rádio Mulher, mas é como diz é igual jogador de futebol: “A gente tem que aproveitar a oportunidades que aparecem”. Aí eu fui para a Rádio Nacional. Na Rádio Nacional eu trabalhava... Era eclético. Aí não era somente esporte, mesmo porque em Brasília nem futebol tinha. Então a gente as vezes transmitia... Ia para outros estados, Rio de Janeiro, aqui para São Paulo, Minas Gerais para poder transmitir os jogos do campeonato. Mas lá em Brasília mesmo não tinha. Aí quando Éder Jofre esteve lá em Brasília para fazer uma luta a gente transmitiu; tinha jogo de basquete que eles fizeram lá, a gente transmitiu, mas lá eu passei a ser uma jornalista eclética. Eu passei a fazer mais política do que esporte e, outra surpresa, anota aí: Fui censora política!

S.G. – Essa eu também não sabia. Conta sobre isso!

L.C. – Qualquer discurso da Câmara, do Senado tinha que passar pelo meu visto. Qualquer música, peça de teatro tinha que passar pelo meu visto.

S.G. – Isso em 1972, 1973 nesse período?

L.C. – 1972 e 1973. E aí em 1974 eu sofri o acidente. Em fevereiro de 1974.



S.G. – Então, antes da gente falar desse 1974, em 1972 e 1973 você estava pelo mundo. Foi para Brasília fazer as arbitragens... Foi nesse período que você estava no programa do Flávio Cavalcanti e no programa do Silvio Santos? Quando foi isso?

L.C. – Foi antes.

S.G. – Foi antes?

L.C. – É e no Flávio eu estive em 1970. No programa do Silvio eu estive em 1971. No programa do Flávio foi em decorrência de uma gincana que ele fazia no programa “Minha turma da pesada”. Eu acho que ninguém que está aqui vai se lembrar desse programa. Era uma competição universitária. Eram várias universidades que participavam da “Minha turma da pesada”. Então, ia fazendo e ia eliminando e ficaram duas e essas duas, todas as tarefas que foram dadas para eles terminava em empate. Aí o Flávio Cavalcanti teve a ideia de fazer o desempate em um jogo de futebol no Maracanã³⁷. Aí foi feito um jogo que é... Duas equipes profissionais, no caso foi o Flamengo³⁸ e o Botafogo³⁹, jogadores profissionais do Flamengo e jogadores do Botafogo, mesclado com os meninos da gincana. “E o principal é que Léa Campos é que vai apitar o jogo. A equipe que trouxer Léa Campos, ganha a gincana”. Mas o Flávio fez uma safadeza com os meninos: me pegou em Belo Horizonte e me levou para o sítio dele em Petrópolis. E eu fiquei lá uma semana e os meninos loucos atrás de mim. Acamparam na porta da minha casa, meu pai saiu e disse: “A Léa foi para o Rio Grande do Sul!”. Saía minha mãe: “Léa foi para o Espírito Santo” [risos], ela não sabia o que meu pai tinha falado, não é? Aí eles: “Mas nós já fomos no Rio Grande do Sul, minha colega foi lá e disse que Léa não está lá não!”. Aí minha mãe disse: “Não é porque meu marido enganou, ela foi para Vitória. Está no Espírito Santo!”. Aí mandava alguém da equipe lá em Vitória para ver se eu estava lá... Quer dizer, foi aquele corre-corre dentro do país para me encontrar e não me encontraram. Nenhum deles teve a brilhante ideia de ir lá em Petrópolis me buscar para ver se eu estava escondida na casa do

³⁷ Estádio de futebol.

³⁸ Clube de Regatas Flamengo.

³⁹ Botafogo de Futebol e Regatas.



Flávio e aí eu desci no Maracanã com Flávio Cavalcanti para fazer o jogo. Aí o time que ganhou levou o carro que estava em disputa. Quer dizer, foi bom porque foi uma coisa resolvida a vista de todo mundo não foi: “Ah encontrei a Léa...”, ninguém me achou e eu entrei no Maracanã de helicóptero com o Flávio Cavalcanti. Foi uma coisa hilária, foi a primeira vez que eu entrei no helicóptero e eu olhava para aquela coisa e dizia: “Vai cair! Esse negócio aqui não dá não!”

S.G. – Léa, mais uma novidade que você me conta hoje e que eu não sabia, sobre sua atuação em Brasília. Esse tempo no qual foste censora de discurso político. O que passava pelas tuas mãos? Peças de teatro? Músicas?

L.C. – É tinha muita música que a gente não podia deixar... Tinha muita música de protesto contra o governo que infelizmente para eles não podiam passar.

S.G. – Você tem registro disso? Você assinava? Então, isso foi em 1972, 1973 por aí...

L.C. – Sim, mais ou menos por aí. Mas vamos voltar o futebol...

S.G. – Então vamos voltar para o futebol. Você vai no programa do Flávio Cavalcanti... Você também fazia algumas reportagens... Você me disse que trabalhou no programa do Silvio Santos... Fez alguma produção... Como que foi essa atuação?

L.C. – No Flávio Cavalcanti eu buscava assuntos inusitados.

S.G. – Léa, voltando aqui para o futebol. Vamos lá de novo. Então a gente está 1972, 1973, 1974... Você faz essas aparições em programa de grande audiência...

L.C. – No programa do Flávio Cavalcanti havia um quadro que se chamava “Expulsa o juiz do campo”. Então era o Armando Marques⁴⁰ que era o juiz que era para ser expulso

⁴⁰ Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques.



de campo. Aí eu falei para mim que ia me aventurar, afinal eram dois mil cruzeiros, um dinheirinho bom. Eu ia lá, se eu expulsar ele eu ganho, senão não. Mas tampouco faria diferença, mas eu ia lá. Fiz minha inscrição para ir no programa do Flávio Cavalcanti. Eu fiz a pergunta: “Como que um time pode fazer três gols consecutivos e sair vitorioso de campo sem que o adversário toque na bola?” Se alguém aí souber pode falar!

Alguém da platéia: – W.O.

L.C. – Não. Você e ela são dois times. Vocês estarão dentro de campo jogando. Ela vai fazer três gols consecutivos, vai ganhar o jogo... Porque W.O. é por não comparecimento. Não vai haver o jogo. São três gols consecutivos. Ela vai sair vitoriosa e o seu time durante esses três gols não vai tocar o pé na bola. Você sabe? Hum? O primeiro tempo está jogando eu e Silvana. No primeiro tempo a saída é minha, quando está quase terminando o primeiro tempo eu vou lá e marco um gol contra. De quem é a saída? Minha. No primeiro tempo a saída foi da Silvana. No segundo tempo a saída vai ser minha, presta a atenção aí! Então deu a saída Silvana, aí jogou, jogou... Dois times... Perrengue das pernas! Aí no final, quase no final do primeiro tempo vou lá e marco um gol contra. Aí eu dou a saída de novo... Porque aí eu tenho que dar a saída porque o gol foi eu que tomei, então quem dá a saída é o meu time. Aí eu vou lá e dou a saída e faço aquela arrancada estilo Pelé, meto a bola lá na frente para o Messi⁴¹ e aí ele vai lá e “pimba” faz o gol. Empata o jogo. Termina o primeiro tempo. No segundo tempo, de quem é a saída? É minha. Aí eu vou lá e faço o segundo gol para o meu time e ganho o jogo e ela não consegue fazer. Azar é o dela. Aí eu ganho o jogo. Fiz os três gols consecutivos e saí vitoriosa sem que, durante a feitura desses três gols, ela tocasse na bola. Entendeu? Sim?

S.G. – Complexo, mas dá para entender [risos].

L.C. – Como é que um jogador pode marcar um gol sem entrar dentro de campo?

⁴¹ Lionel Andrés Messi Cuccittini.



S.G. – Não sei.

L.C. – Você sabe?

S.G. – Como é que um jogador pode marcar um gol sem entrar dentro de campo?

L.C. – Sim. Vai haver a substituição de um ponta esquerda ou de um centroavante... Do que seja, de um jogador qualquer lá do time. Aí tem uma cobrança de escanteio e o jogador que substitui vai e cobra o escanteio. Ele não entrou dentro de campo, não participou e fez o gol. Concorda? [risos].

S.G. – Não tem como discordar. Léa, tem outra coisa que você fez e acho que é interessante de contar que é o time que você organizou. Um time de mulheres e um campeonato de mulheres. Se eu não me engano, o campeonato se chamou Léa Campos?

L.C. – Copa Léa Campos.

S.G. – Copa Léa Campos. Conta para gente algo dessa outra experiência.

L.C. – Isso aí foi em 1983. É, 1983. O futebol já estava liberado então eu fiz o meu time: Equipe Futebol Clube. Busquei patrocinadores, fiz eletrocardiograma em todas as meninas, levei as meninas fazer avaliação física lá no CEU, que é o Centro Esportivo Universitário lá de Belo Horizonte, levava as meninas duas vezes na semana lá no Cruzeiro para fazer avaliação física, fizemos Teste de Cooper que na época era chique fazer Teste de Cooper... Então, fiz o que era possível. Eu tinha comigo cinquenta meninas. Consegui uma escola que era preparatória de vestibular, para preparar as pessoas para o vestibular. Consegui que eles me dessem uma sala para eu dar aula de regra de futebol para as meninas para que elas soubessem o que elas iam fazer dentro de campo sem criar problemas para mim, para elas e para o árbitro. E aí fui fazer eletrocardiograma de todas elas; eram cinquenta meninas. Fiz o eletro de todas elas lá no Hospital das Clínicas em Belo Horizonte. Meu primo era



um dos professores lá e eu consegui com ele, com o João Mendes⁴², fazer os eletros nas meninas. E um outro médico que também é meu primo, doutor Horestes⁴³, aí o Horeste fez a leitura dos eletrocardiogramas. Aí, não sei se foi sorte minha ou se foi azar das meninas ou se foi azar meu e sorte das meninas, quatro delas tinham um problema de cardiopatia gravíssimo. Se eu colocasse essas meninas dentro de campo para correr apenas, para fazer um aquecimento, elas poderiam morrer ali dentro de campo. Mas graças a Deus, me ocorreu essa ideia de fazer os eletros e essas quatro meninas acusaram problema sério de coração que nem os pais sabiam que elas tinham esse problema. Então, dado a isso, eu procurei os pais de todas elas, levei o médico junto para poder explicar o problema e o que poderia ser feito... Então, quer dizer, isso me deu um alívio muito grande. Hoje a gente vê jogador de futebol cai, “pim”, morre. Quer dizer, e profissional! Eu penso que não pode ser negligência do clube porque são profissionais! Então eu criei a Copa Léa Campos com vinte e quatro equipes.

S.G. – Em Belo Horizonte?

L.C. – É. Todas de Minas. Era ida e volta, então eu jogava no teu campo e você jogava no meu. Então era em Juiz de Fora, era Governador Valadares, era Montes Claros... Era no Estado todo, onde tinha futebol feminino... Divinópolis tinha uma tremenda equipe e vários clubes, vários times também de Belo Horizonte inclusive Cruzeiro, Atlético⁴⁴ e América⁴⁵. Os três profissionais de Belo Horizonte participaram da Copa Léa Campos. O final da competição foi no Mineirão numa preliminar de um jogo e foi um jogo entre as Panteras e o América e as Panteras ganharam. Eu fiquei em terceiro lugar. O Atlético em quarto lugar, o América em segundo e as Panteras ganharam a Copa Léa Campos. Mas depois eu não pude continuar fazendo porque me onerava demais e mesmo com patrocínio que eu tinha ... Uma menina quebrou a perna, ficou um mês na minha casa e eu tendo que levar ela no hospital para fazer os exames. E a outra quebrou o dente, tive que levar na dentista mandar arrumar o dente da menina... Então aquilo foi acarretando muito problema extra para mim

⁴² João Paulo Mendes de Oliveira.

⁴³ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁴ Clube Atlético Mineiro.

⁴⁵ América Futebol Clube.



e estava me onerando demais da conta. Aí eu falei: “Não vai dar para continuar, infelizmente não vai dar.”. E eu passei o time para um grupo lá e eles deixaram o futebol feminino morrer e foi morrendo e acabou o futebol feminino. Em Minas pelo menos já nem existe mais futebol feminino.

S.G. – Léa então vamos só tentar voltar um pouquinho, eu sei que é um assunto ruim de ser falado, mas enfim. Você encerra sua participação como árbitra em função de um acidente, então, eu acho que é importante deixar registrado no Museu do Futebol. Que foi uma fatalidade que te tirou dos campos encerrando o seu grande envolvimento como árbitra.

L.C. – Uma fatalidade ou uma ironia do destino. Eu estava vindo numa quarta-feira de cinzas aqui para São Paulo. Como eu não consegui passagem de avião eu vim de ônibus, ônibus da Viação Cometa de propriedade de Jean Marie Havelange. Então eu estava vindo para encontrar com meu empresário, Juan Figger, que tinha feito um contrato com a AFA⁴⁶ e eu ia apitar o campeonato nacional da Argentina. E fiquei cinquenta ou sessenta quilômetros da terra do Pelé. Até para sofrer acidente eu sou chique, né? Foi perto da cidade do Pelé! Aí sofri o acidente, o ônibus... Eu estava viajando dentro da cabine, onde tinha o motorista. Hoje graças a Deus esse lugar não existe mais. Foi obra de um vereador mineiro, o Aldair Pinto, que entrou com um projeto na Câmara de Vereadores, daí entrou para os deputados e acabou saindo lá em Brasília, acabou o Senado entrando no meio e acabou com essa poltrona dentro da cabine dos motoristas porque não podia ser vendida essa poltrona. Essa poltrona era para o motorista reserva, então, não podia ser vendida, mas a ganância é muito grande então me venderam a passagem da cadeira trinta e sete. E quarta-feira de cinzas, motorista já entrou dentro do ônibus abrindo a boca de sono e durante o percurso até antes de chegar em Três Corações eu coloquei o ônibus na pista três vezes e falei, num lugar que a gente parou para tomar um café: “Olha, você podia parar uma meia hora para você dormir e recuperar esse sono. Você está colocando a vida de um monte de gente em risco inclusive a sua.” Ele falou: “Não, eu vou tomar um café com Coca-Cola e um comprimidozinho. Então eu vou fazer uma “rebite” e não vou cochilar

⁴⁶ Asociación del Fútbol Argentino.



mais!” Eu falei: “Tá bem, mas você poderia fazer...” E ele: “Eu não posso fazer isso porque eu tenho hora para chegar, eu tenho que cumprir horário.” Aí eu falei: “Mas se a gente sofrer um acidente você não vai cumprir o horário e você morrendo menos, né?” Aí quase chegando em Três Corações.... Foi uma subida aí ele bateu na traseira de um caminhão que ia na nossa frente, super pesado porque estava carregado com aquelas “rodelona” grande de arame farpado... Então ele bateu na traseira desse caminhão e eu fiquei presa entre o banco e a roda. Esse ônibus andou ainda 120 metros para poder parar e na batida eu engoli muito farelo de vidro do para-brisa e entrou muito pedaço de vidro e madeira da carroceria do caminhão na minha perna. Essa minha perna ficou completamente separada, presa apenas na pele aqui em cima e aqui atrás. Foi uma fratura exposta com perda óssea e... Quando chegou em Três Corações o médico que veio... Me levaram para o hospital que era uma maternidade porque era o único que tinha lá, Maternidade São Sebastião, aí me levaram para lá e o médico que foi me atender falou com o outro assim: “Vamos ter que amputar a perna dela, não temos outro recurso”. Aí eu ainda estava consciente e falei: “Por favor, não corte a minha perna porque minha perna é meu instrumento de trabalho.” Aí ele me perguntou o que eu fazia e eu disse: “Eu sou Léa Campos, eu sou juíza de futebol.”. Ele falou: “Não, não vamos fazer nada.”. Conversaram lá entre si e: “Não vamos cortar a perna dela. Vamos colocar a perna dela numa tala e a família que resolva o que vai ter que fazer. Nós não vamos nos meter em problema não. Essa mulher é famosa no mundo inteiro, nós não podemos fazer isso não.” Graças a Deus que eu era famosa no mundo inteiro porque senão eu estaria aqui com uma perna... Não um joelho biônico, mas estaria aqui com uma perna biônica. Deus me livre! Credo! Onde é que tem parede aqui? Bom, não tem, enfim. Bate aí gente, em algum lugar que tenha madeira, por favor.

[plateia] – No chão!

L.C. – No chão, o.k. Pronto, já bati. Então, resultado: minha mãe foi me buscar em Três Corações, aí conseguiram lá uma ambulância com a Prefeitura e me levaram para Belo Horizonte. Fui para o Hospital Felício Rocho. Meu médico era o médico do Cruzeiro e meu amigo de muitos anos. Aí começou a minha odisseia! Eu fiz poucas cirurgias, foram



101 para não perder a perna. A última que eu fiz eu vou mostrar para vocês. Foi essa aqui ó. Eu levei vinte e cinco grampos, não é ponto, é grampo. Grampeador, “pluf, pluf, pluf”. Vinte cinco grampos que me deram aqui para colocar uma rótula de titânio no meu joelho consequência do acidente. Isso foi feito nos Estados Unidos no ano passado. Então, o Zé Vicente⁴⁷ é que era meu médico em Belo Horizonte. E o doutor Márcio Ibrahim⁴⁸ era o chefe de ortopedia do Hospital Felício Rocho. Então ele chega... Eu estava na UTI⁴⁹ e minha mãe já tinha separado lá um apartamento para eu ficar, não foi nem minha mãe, foi a Rádio Itatiaia. Botou minha mãe em uma suíte para esperar quando eu saísse da UTI. Ai esse Marcio Ibrahim foi quem procurou minha mãe e disse assim: “Amanhã de manhã eu vou amputar a perna da Léa.” Mamãe falou: “Com autorização de quem? Porque eu sou a mãe dela e eu não autorizei nada disso. O senhor não vai por a mão na minha filha porque se o senhor puser a mão na minha filha o senhor é um homem morto porque eu te mato. O médico da minha filha é doutor José Vicente Alves e o senhor não chama José Vicente Alves.” E nisso chega o Zé Vicente, viu minha mãe gritando alterada com o outro e perguntou o que estava acontecendo. Aí respondeu: “Não, é porque ela vai ficar em apartamento e paciente de apartamento é meu!” Aí o Zé Vicente disse: “Então a gente põe ela na enfermaria, não tem problema. O importante é o tratamento que ela vai receber não é o local onde ela vai ficar. Então se o problema é que ela estando em um apartamento o médico é você...” Aí minha mãe falou: “Vamos pedir enfermaria geral para ela agora já de uma vez que a hora que ela sair da UTI já tem a vaga dela porque lá embaixo é mais difícil conseguir vaga do que aqui em cima.” Aí ele falou: “Não, não precisa disso... De qualquer maneira você não vai recuperar a perna dela!” Aí ele falou: “Isso é o que veremos!” Aí eu fiquei nove dias na UTI com tração na perna puxando para o osso chegar no lugar porque uma parte do osso veio para cá e a outra parte foi para lá, completamente separado. Uma parte saiu aqui e a outra saiu aqui em cima⁵⁰. Nossa, estou mostrando minha perna e está cheio de homem! Ai meu Deus que vergonha! Bom, quando eu saí da UTI já fui direto para sala de cirurgia, nove dias depois. Aí a minha cirurgia durou quase dezenove horas! Aí voltei para sala, colocou o osso para dentro, aquela coisa. Colocou uma haste de platina,

⁴⁷ José Vicente Alves.

⁴⁸ Márcio Ibrahim de Carvalho.

⁴⁹ Unidade de Tratamento Intensivo.

⁵⁰ Léa Campos mostra os locais onde foram feitas as intervenções em sua perna.



me deu alergia. Aí deu osteomelite... Aí toma de operar, toma de operar... Foram 101 cirurgias para voltar a caminhar. Aí o Marcio Ibrahim toda vez que o Zé Vicente requisitava a sala de cirurgia ele falava que ele estava malhando em ferro frio, que o Zé não ia recuperar a minha perna. Então o Zé Vicente falou assim: “Olha, enquanto a família dela permitir que eu a opere, eu vou operar. O dia que não tiver mais condição de operar, se for para amputar a perna dela eu te chamo porque eu não tenho coragem de destruir a vida de ninguém. A medicina que eu aprendi é para construir, não para destruir.”. E aí eles apostaram, o Zé Vicente apostou o diploma dele contra dez mil cruzeiros que ele ia me recuperar. E o Marcio Ibrahim perdeu dez mil cruzeiros.

S.G. – E assim foi?

L.C. – E assim foi.

S.G. – Então nesse processo, você ficou oito meses no hospital e eu sei que houve uma campanha no Brasil, várias pessoas colaboraram para te ajudar financeiramente. Show do Roberto Carlos...

L.C. – Show de um mexicano, depois de uma cantora de tango argentina. A escola de samba que eu desfilava, Cidade Jardim, também uma apresentação para angariar fundos para mim. As meninas do futebol iam para o campo, no jogo de Cruzeiro e Atlético... Foi a única vez que uniu a bandeira do Cruzeiro com a bandeira do Atlético, costuraram a bandeira do Cruzeiro com a bandeira do Atlético e passaram nas duas torcidas com a faixa “Ajuda a trazer Léa de volta!”. Quer dizer, é emocionante porque todo mundo sabia que eu era cruzeirense. Então própria torcida do Atlético me ajudando. Então isso foi bonito, isso que era o bonito do futebol que hoje não existe mais, mas naquela época ainda existia. Era bonito ver isso! Aí entra os gaúchos na minha vida de novo. Doutor Vico quando soube da campanha que estava sendo feita fez um movimento lá no Rio Grande do Sul, lá em Porto Alegre, e conseguiu dez mil cruzeiros, que na época era dez mil dólares. Era muito dinheiro! Porque eu precisava de duzentos e cinquenta mil dólares para depositar num Hospital nos Estado Unidos para poder... Como eu disse no início, tinha muito vidro e



madeira na minha perna e são matérias que não são radioativos, então não acusa na radiografia. Então eu precisava de um ecograma que não tinha no Brasil, só tinha nos Estados Unidos ou no Japão. Eu optei pelos Estados Unidos pela questão do idioma, por questão de distância... Aí começaram os movimentos, os árbitros de futebol do Brasil inteiro...

S.G. – Jogadores...

L.C. – Jogadores de futebol, todos eles fazendo campanha, angariando dinheiro para mim. Aqui o presidente do sindicato dos árbitros fez um movimento, inclusive o dono da Votorantim⁵¹, doutor Ermínio de Moraes⁵², me ajudou também... E aí o Vico lá do Rio Grande do Sul fez essa campanha também, antes disso o meu médico deu uma entrevista... Nessa época, nós conseguíamos carne somente congelada, não conseguia carne natural, só congelada. Foi uma crise violenta que houve na agropecuária no Brasil... Na pecuária, aliás, melhor dizendo, no Brasil e não conseguia carne a não ser congelada e assim mesmo tinha que ser com muita benção de Deus para conseguir um quilinho de carne. Então, Zé Vicente que não tinha dado nenhuma entrevista sobre mim ainda disse: “Nós estamos tendo um problema porque a Léa precisa de proteína e a proteína está somente na carne crua e carne congelada não dá sangue. Então eu quero fazer um apelo aqui, vocês que estão assistindo esse programa, por favor, quem tiver condição de me ajudar, Léa precisa comer proteína e a proteína da carne que ela precisa.”. Aí entrou de novo um gaúcho na minha vida, que era o doutor Erik⁵³, que era proprietário da Varig⁵⁴. Então, o doutor Erik, não sei como ele fazia, não sei se ele era fazendeiro, se era dono da Friboi⁵⁵, sei lá. Eu sei que ele mandava para mim, todo sábado, um filé mignon inteiro, grandão assim, via Varig. Então saía de Porto Alegre direto para Belo Horizonte. E durante muito tempo, enquanto o Zé Vicente falou que precisava, ele me manteve com essa carne. Foram mais de seis meses! Depois o Zé Vicente tornou a falar em uma entrevista que estava tendo problema porque

⁵¹ Grupo Votorantim.

⁵² Antônio Ermínio de Moraes.

⁵³ Erik Carvalho.

⁵⁴ Companhia aérea.

⁵⁵ Empresa de processamento de carnes.



não conseguia verdura sem agrotóxico e que as verduras que eu estava comendo estavam me dando reação alérgica. Aí apareceu um senhor de uma favela lá em Belo Horizonte, que tinha uma horta enorme na favela onde ele morava, favela de zinco com madeira, ele tinha cenoura, tomate, beterraba, rabanete, nabo, tudo. Galinha... Tinha de tudo. Aí ele fazia... A terra está dura, aí ele fazia aquela cesta e levava lá no hospital para mim. Mas a gente não conseguia saber quem é que estava fazendo aquilo, até que um dia mamãe falou com o rapaz da portaria: “Eu preciso saber quem é que está trazendo isso aqui para a Léa!” Levava fruta, alface, couve, tomate, ovo, rapadura... Não sei onde é que entrou a rapadura no meio da verdura, mas ele levou rapadura também. Cenoura, beterraba, rabanete, nabo, tudo. Tudo o que ele tinha lá na casa dele, ele colocava dentro de uma cesta e levava lá no hospital. Aí um dia mamãe pediu ao porteiro que quando ele fosse lá avisasse porque ela queria saber a origem daquilo e tal. Aí quando um dia mamãe conseguiu falar com ele, ele disse: “Não, dona. Eu trago isso aqui porque minha filha jogava futebol no time da Léa. Quando era proibido, a minha filha muitas vezes acompanhou a Léa e viu a Léa ser presa muitas vezes por causa de futebol. Minha filha ama a sua filha e é por isso que eu estou trazendo isso aqui. Minha filha está ali fora. A Léa sabe quem é.” Aí minha mãe disse: “Então vamos subir! Chama a sua filha e vamos subir para você conhecer a Léa”. E ele disse: “Imagina minha dona! Eu moro na favela, eu sou favelado. Como que eu vou subir para conhecer Léa? Léa é uma pessoa famosa!”. Eu me arrepio quando eu mesma comento isso, sabe? Aí minha mãe insistiu, insistiu e ele acabou subindo, a menina também. Quando eu vi a menina abrir a boca, chorar, eu disse: “Então são vocês que estão trazendo verdura para mim?”. “É, Léa. E vamos trazer enquanto você precisar. Minha avó também tem plantação, meu tio tem, todos favela. Todos favela.”. Então, foi uma ajuda muito grande que ele... Ele não sabe o tamanho da ajuda que ele me deu porque eram verduras e legumes virgens sem nenhum tipo de inseticida, então eu sempre digo que eu tive vários anjos de guarda. Alguns gaúchos, outros mineiros, mas eu sou uma pessoa abençoada por Deus porque estou junto com gente linda. Recebi uma homenagem brilhante, brilhante por parte de vocês. Eu creio até que eu nem merecia uma coisa assim, apesar de que eu sempre vivi reclamando de não ser homenageada no meu país. Mas graças a Deus, a Marina, a Daniela, a Silvana e a todos aqui do Museu me deram a oportunidade estar aqui hoje conversando, batendo um papinho com vocês e marcando a minha história no Museu do Futebol. Na



exposição “Visibilidade para o futebol feminino” que eu espero que deixe de ser visibilidade apenas e passe a ser a perpetuidade do futebol feminino.

S.G. – Muito legal, Léa. A gente fez um apanhado geral da sua vida no futebol. Em 1993 você vai para os Estados Unidos, mora lá desde então e vem eventualmente ao Brasil. Léa casou-se com um colombiano, Luiz Medina, que escreveu a biografia da Léa. Essa biografia foi publicada em inglês e em espanhol. Tive a honra de ganhar a biografia de Léa, ela trouxe uma cópia em papel e uma cópia em um pen drive, que é para ideia de que consigamos publicar essa biografia aqui para que essa história também fique conhecida. Quero, enfim dizer, que é uma honra você ter vindo ao Brasil, não só para receber essa homenagem, mas para deixar para gente esse registro da tua trajetória, das tuas lutas, do que você fez, do que você construiu porque eu creio que é exemplar. Não é sem razão que hoje você foi entrevistada por quase todas as rádios e emissoras de televisão que estiveram aqui na abertura da exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”. Não só por ser a primeira árbitra da FIFA, mas também por ter uma trajetória de luta, de resistência, quer dizer, você resiste a 101 cirurgias, você não perde a sua perna, não é só uma resistência em termos de profissão e de fazer aquilo que você fez... Você é uma mulher destemida e é uma guerreira, então, é um prazer, é uma honra para o esporte brasileiro ter uma pessoa como você [...] Enfim a gente precisa encerrar essa conversa porque você deve estar cansada Desde que Léa chegou em São Paulo a gente não para de incomodar.

L.C. – Não é incomodo nenhum.

S.G. – Léa, tem alguma coisa que eu não tenha te perguntado e que você queira deixar registrado da sua trajetória...

L.C. – Não, eu acho que você perguntou tudo!

S.G. – Então era isso! Eu queria agradecer a presença de vocês.



L.C. – Então eu quero mais uma vez agradecer a todos vocês. Ao empenho da Mariana, da Daniela, da Silvana, de toda a equipe do Museu. A todos a que fizeram algo para eu vir até aqui. Eu quero agradecer a vocês e dizer que minha felicidade não tem... Não existe um aparelho para medi-la. Vocês não sabem o que vocês fizeram comigo. Realmente... É emocionante uma pessoa aos setenta anos de idade estar recebendo uma homenagem pelo que ela fez há quarenta anos. Então é sinal de que o que eu fiz não foi esquecido. E eu conto com essas meninas que estão aí, que estão iniciando... Engatinhando dentro dessa profissão, que segurem assim nos lugares para poder levantar, porque a gente quando está engatinhando a gente tem que procurar uma maneira de ficar em pé para aprender a andar com as duas pernas em vez de andar com as pernas e as mãos. Então eu espero que essas meninas continuem, como a Silvia Regina, carregando a minha bandeira, não deixem essa bandeira ser arreada por ninguém. Ninguém tem o direito de matar o nosso sonho, sabe? Nosso sonho é nosso! E nós temos que alcançar a nossa meta ao custo que seja! Honradamente. Um beijo para todos vocês! Muito obrigada!

[FIM DA ENTREVISTA]